

MISSÕES URBANAS

TEXTO BÍBLICO:

“E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?” (Lucas 10:26-29)

TEXTO ÁUREO:

“Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitando, lhe fechar o seu coração, como permanece nele o amor de Deus?” (1 João 3:17)

1. INTRODUÇÃO

Assim como nos mostra o texto acima, muitas pessoas passam toda a sua vida procurando fazer o bem ao “seu próximo” que elas nem se quer conhecem, e se esquecem completamente de fazer o bem para a outra classe de “próximos” que elas conhecem e muito bem.

Quando ouvimos a palavra “missões”, freqüentemente vem à nossa mente a idéia de grupos de pessoas que vão até os mais longínquos países ou aldeias – onde praticamente não existe civilização – pregar a Palavra de Deus àqueles que, a elite da sociedade, já se acostumou a chamar de “selvagens”.

Esquecemos que o Evangelho é capaz de penetrar em qualquer tipo de cultura – ele não está limitado ao espaço físico ou cultural com o quais estamos acostumados. Neste contexto também estão incluídas as diversas pessoas que fazem parte da “nossa cultura”. A mensagem do Evangelho só é útil quando não separa a sua capacidade de reconstruir e renovar as situações, com sua capacidade de iluminar e mostrar as situações a todos, inclusive àquelas pessoas que estão tão perto de nós - como nossos vizinhos e demais pessoas que vivem e residem no bairro onde moramos.

Infelizmente quando a nação evangélica brasileira passa a se preocupar com a salvação dos povos de todas as tribos, línguas e nações, acaba por se “esquecer” daqueles que estão indo para a perdição eterna dentro da sua própria “casa”.

2. O EVANGELHO É PARA TODOS

O Evangelho tem que servir como um instrumento prático e crítico para a construção do conhecimento e análise da realidade. Isso sem excluirmos ninguém que esteja ao nosso alcance. Por isso a importância de começarmos a refletir sobre missões urbanas.

É muito comum encontrarmos pessoas em nossas igrejas que, afirmam ter um “chamado missionário”, mas que ainda não ganharam nenhuma alma para Jesus. São pessoas que se dispõem a pregar a Palavra

em um país diferente, com contextos culturais diferentes, mas que não têm a mesma coragem e disposição para evangelizar os seus “vizinhos” ou algum familiar.

Agindo assim, sem percebermos, nós rejeitamos a nossa cultura e passamos a viver uma forma de alienação evangélica. Desistimos de enfrentar a situação que nos cerca e preferimos “fugir” de nossas responsabilidades (através dos isolamentos que ocorrem durante os retiros marcados em datas específicas – como o carnaval).

Precisamos voltar a “dialogar” com as pessoas que estão próximas a nós, e passar a desenvolver um diálogo crítico, reconhecendo o que é útil, rejeitando o que é reprovável e se comprometendo a suprir o que está faltando.

3. MISSÕES URBANAS DENTRO DE UM EVANGELHO CONTEXTUALIZADO

Ao pensarmos sobre missões urbanas, não podemos nos ater apenas para aquelas mensagens relacionadas ao “ir para o céu” ou “escapar do inferno”. O Evangelho não tem apenas funções escatológicas, mas também tem a ver com mudanças na qualidade de vida das pessoas no seu dia-a-dia. O Evangelho pode ser renovador como instrumento para resgate da cidadania terrestre. O uso da mensagem para resolver a situação depois da morte esvazia o sentido e valor cotidiano da mensagem evangélica. É necessário dialogar com a sociedade sem aquela mentalidade de catequização ou conversão a qualquer custo.

Devemos buscar produzir resultados relevantes sem visar exclusivamente à exigência da conversão institucional. Precisamos aumentar a qualidade de vida das pessoas e por conta disso eles se interessarem pelo Evangelho. Isso é “fazer missões”!

4. CONCLUSÃO

A maior parte das igrejas possui uma maneira unilateral e radical de ver as coisas. Elas têm aceitado apenas aquilo que já fazia parte da “cultura” das mesmas. Com isso, novas formas de conhecimento e percepção da realidade têm sido rejeitadas ou colocadas de lado. Falta nos líderes, e demais membros da igreja, humildade e capacidade para enxergarem as coisas de modo macro e não apenas micro.

Muitas vezes, não gostamos de criticar e modificar nossa maneira de captar a realidade assim como nosso comportamento diante da realidade, e essa resistência constitui, com frequência, um novo obstáculo para transformar a realidade que nos cerca. Diante disso, pensamos apenas em “missões transculturais” e nos esquecemos de que refletir sobre “missões urbanas” também é de suma importância.

Por causa da nossa visão deturpada, o mundo é visto como uma instância totalmente maligna de onde se tem que fugir, contrariando o próprio modo de Jesus ver a relação da igreja com o mundo em Jo

17.15-17 (“eu os enviei ao mundo”). Precisamos sair do nosso esconderijo que tem servido apenas para alienar a igreja da sociedade e da própria realidade.

5. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

LINTHICUM, R.C.. *Cidade de Deus Cidade de Satanás*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1991.

OLIVEIRA, Dionísio Oliveira da. *Evangelho e Cultura*. São Paulo: Faculdade de Teologia Metodista Livre, 2006.